N.º 43

Poesias politicas inéditas
de Medina e Ms.tos
auctor do poema a
Zarguéida

42 G 7003
V, 1, 13
BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA

Poesias Liricas,

a que deo assumpto a Memoravel
Terceira Expulsaõ dos Francezes
dos Dominios de Portugal,
Offerecidas
á
Benemerita Corporaçaõ dos Negociantes
Britanicos estabelecidos na Cidade
do Funchal da Ilha da Madeira
por seu Author

Francisco de Paula Medina e Vasconcellos.
1811.

Dedicatoria

BIBLIOTECA NACIONAL · LISBOA

Benemérita, e sempre Amavel Corporaçaõ Britanica, por maõs do muito honrado Senhor Henrique Veitch, Dignissimo Agente, e Consul Geral, de Sua Magestade Britanica nesta Ilha, minha Patria, tenho a destincta honra de offertar a V. S.ª este pequeno Folheto de Poesias Liricas, a que deo assumpto a Memoravel Expulsaõ dos Fran-

Francezes dos Dominios de Portugal no presente anno de 1811.
Esta pequena Composição he hum sincero testemunho da minha Vassallagem, para com o meu Soberano, e do meu Amor Sympathico, para com a mais Amavel de todas as Nações do Mundo. Tal he a Generosissima Nação Britanica, tanto pelas suas Proezas, como pelas suas Virtudes. Eu cordealmente a amo; e só sinto o não saber a sua linguagem, para

poder mais claramente testemunhar-
lhe os puros sentimentos da minha
Alma: porem o meu Enthusiasmo
me tem feito lançar mão de humas
Epopeas em verso Portuguez, cujo As-
sumpto he Cantar as Exemplares
Virtudes do Nosso Soberano, e
as Famosas Acçoes dos Heroes,
que se destinguirão nas Campa-
nhas de Portugal, e Hespanha
desde a notavel Epoca da Sahi-
da do Meu Principe para as
suas Possessoes Americanas, até

a ultima Expulsaõ dos Francezes das Provincias de Portugal. A Empreza he realmente dificultosa, e até mesmo temeraria no seculo presente, mas comtudo prestando-me V. S.ª a Sua Protecçaõ e Auxilio espera ser Feliz

O seu maior Venerador, e mais humilde Subdito

Francisco de Paula Medina e Bas.cos

Soneto.

Lá do Campo d'Ourique a Profecia,
Por tantas vezes já verificada,
Agora mais que nunca realizada
Se vio em Portugal; Ceos, que alegria!
Dos Impios a nefanda Tirannia
Eis de novo abatida, e castigada:
A sua Audacia reduzida a nada
Hum Futuro feliz nos annuncia.
Tanto deveis, ó Povos Portuguezes,
A' Bravura, e Constancia dos Britanos,
Em mar, e terra Açoutes dos Francezes.
Valor, valor, ó Bravos Lusitanos,
Vós de maõs dadas c'os Fieis Inglezes
Extinguireis a Raça dos Tirannos.

Glosas

Soneto 1.º

Ó Cruel Napoleão, Monstro do Averno,
Novo Tantalo atróz, sempre Faminto,
Queres ver todo o Mundo em sangue tinto,
Sem temer o Furor de hum Deos Eterno?

Contemplando-te, ó triste, eu me consterno,
Por te julgar de todo (ah! não te minto)
Perdido nesse avêrno Labirinto,
Mais triste ainda do que o mesmo Inferno:

Apostata infeliz, do pensamento
De todo expulsa a pérfida mania
De vencer Portugal sanguí-sedento:

Ah! teme a Combinada Valentia,
E adora com profundo acatamento
„ Da do Campo d'Ourique a Profecia.

Soneto 2.º

A tua propria Patria te aborrece,
Por te ver avarento sempre a corso:
Por tramas infernaes, naõ por esforço
He que hoje a tua gloria se conhece:

Quando a tua Avareza se offerece
Perante mim, com raiva os olhos torço,
E desejo ancioso por desforço
Punir aquem do seu dever se esquece:

Sim a quantos Heróes, grandes Guerreiros,
Tu soubeste induzir, Alma damnada,
Te-cedessem aos impetos primeiros?

Assás sua traiçaõ foi premiada;
Viraõ sua ruina aventureiros
„Por tantas vezes já verificada.

Soneto 3.º

Quizera analisar a tua Historia,
E saber de ti as acções, que a vaga Fama
Há ja trez lustros pelo Mundo acclama,
E que então foraõ dignas de memoria;

Mas naõ deve de Heroe ter nome, e gloria,
Quem só por ambiçaõ sangue derrama;
Quem contra a Humanidade assim se inflamma,
Naõ espere alcançar sempre a victoria:

Proteger naõ costuma a Divindade
A sede insaciavel, e malvada
Do sangue da infeliz Humanidade:

Ou mais tarde, ou mais cedo ha castigada,
Vai ser a punição da Crueldade
„ Agora mais que nunca realizada.

Sonto 4.º

Emquanto governaste a grande França
No primeiro Lugar do Consulado,
Ainda que de bem poucos respeitado,
Hias mellendo em Africa huma lança;

Teus partidistas tinhaõ a esperança
De que o teu nome então famigerado
Na serie dos Heroes Josue alistado,
Dos quaes a Fama de Jallar naõ cança:

Mas depois, que a fatal Ambiçaõ Sorte
Te deo d'Imperador a Regalia,
Do Heroismo immortal perdeste o Norte:

Eu naõ hei hum Heroe, hei huma Heroina;
O presagio infeliz da tua Sorte
„He vio em Portugal, Ceos, que alegria!

Soneto 5º

Graças te rendo, ó Deos Omnipotente,
Por ser chegada a época ditosa
Em que a Maldade infame, e criminosa
Naõ ficará por certo impunemente:

O sangue derramado do innocente,
As lagrimas da bella, as da formosa,
Os suspiros do Pai, os ais da Espoza
Esperançaõ n'hum Deos Justo, e Clemente:

Orna a Dextra, Senhor, Sacra, e Divina
D'hum raio, que em castigo á Rebeldia
Faça da França a ultima ruina:

Seja punida pois a Aleivosia;
Para exemplo dos Barbaros, fulmina
„Dos Impios a nefanda Tirannia.

Soneto 6.º

Esta Naçaõ indómita, e cruenta
Tem flagellado a triste Humanidade;
Sem temer Tua Sacra Divindade,
De sangue humano he só que se alimenta:

Pela primeira vez quiz avarenta
Aprisionar a Lusa Magestade;
Mas trocou-se a bonança em tempestade,
Que entaõ sobr' ella horrifica rebenta:

Rechaçada, e punida a Naçaõ fera
Foge de Portugal esporiada
Dos Anglos-Lusos pela Sanha austera:

Tenta novas emprezas reforçada,
Porem quando a infeliz menos o espera,
„Eis de novo abatida, e castigada.

Soneto 7.º

Vêde ah! Senhor; que crimes execrandos
Os bárbaros Francezes cometerão!
E quantos Povos miseros soffrerão
Os insultos dos pérfidos nefandos!

Quantos, quantos dos Lusos miserandos
Infelizmente a vida então perderão!
E quantos, quantos outros perecerão
Por insignes proezas memorandos!

Se ti defende pois nossa vingança;
Não queiras que a Nação desenfreada
Intente em Portugal nova matança:

He justo que ella seja subjugada;
Desprende, ó Deos, teu raio; veja a França
A sua Audacia reduzida a nada.

Soneto 8.º

França, França infeliz, tu noutra idade
Foste grande nas Artes, nas Sciencias;
Hes grande agora só nas insolencias
Com que queres tratar a Humanidade:

São filhas da brutal Ferocidade
As tuas infernaes Malevolencias;
Porem cedo verás tuas Demencias
Punidas pela Sacra Divindade:

Tanto se espera ver, Furia inhumana;
Tardar não pode o venturoso dia,
Em que has de bayucar por terra insana:

Já vem raiando a candida Alegria;
A Ventura da Gente Lusitana
Hum Futuro Feliz nos annuncia.

Soneto 9.º

Que he desse teu Junot, esse insolente
Doloso Roubador, que insano, e bruto
Entrou em Portugal por modo astuto
De estropeado Exercito na frente?

Inda que tarde, a Lusitana Gente,
Naõ podendo sofrer tanto tributo,
Com animo guerreiro, e resoluto
O fez fugir á sua sanha ardente:

Que he de Soult, e Massena, que na guerra
Por Anjo das Victorias tantas vezes
Foi por ti acclamado cá na terra?

Todos passaraõ por fataes revézes;
Ás sabias Providencias d'Inglaterra
„Tanto deveis, ó Povos Portuguezes.

Soneto 10.º

Massena, aquelle heroe guerreiro, e forte,
Grande por seu valor, grande por arte,
Que tantas vezes foi raio de Marte
Para as Nações belligeras do Norte,

Achando em Portugal sinistra a Sorte,
Para as ordens cumprir de Bonaparte,
Com bem poucos dos seus timido parte,
Receando ser victima da Morte:

Mas naõ deixa na rápida fugida
De sofrer mil assaltos, e mil danos,
Que a muitos dos crueis roubaõ a vida:

Deve se esta Victoria aos Lusitanos;
Mas tambem igualmente ella he devida
„ A' Bravura, e Constancia dos Britanos.

Soneto 11.º

Esta Grande Nação, Incomparavel
Nos sentimentos d'honra, tem provado
Ser Amiga Fiel do Nosso Amado,
E sempre Augusto Principe Adoravel:

Cada vez mais feroz, mais incançavel
Intenta perseguir esse Malvado,
Que já tem tantos Reis desthronizado,
E que ainda se ostenta insaciavel:

Há de emfim conseguir os seus intentos:
Britanos, vós sereis em poucos mezes
Na Guerra em tudo célebres Portentos:

Dai sempre as vossas mãos aos Portuguezes;
Sereis por certo a todos os momentos
„ Em mar e terra Açoutes dos Francezes.

Soneto 12.º

Eu ja vos vejo todos perseguindo
Os preversos por terras estrangeiras!
La vejo as vossas Marciaes Bandeiras
Cheias de gloria os ares dividindo!

La vai Massena vil inda fugindo
Já perdidas de todo as estribeiras!
E dos seus Esquadrões rôtas fileiras
Precipitadamente o vaõ seguindo!

Vossa Cólera pois naõ se abonance:
Correi, correi após desses tirannos,
Pois será para vós propicio o lance:

O Grande Deos protege os vossos planos;
Do barbaro Inimigo ide no alcance;
„ Valor, valor, ó Bravos Lusitanos.

Soneto 13.°

Lembrai-vos desses seculos passados,
Em que vossos ficis Progenitores,
Marchando ao som de bellicos tambores,
Se fizeraõ nas Guerras afamados:

Albuquerques, e Castros denodados
Naõ temeraõ belligeros horrores:
Nem jamais do semblante as vivas cores
Perderaõ nos Combates arriscados:

Se acazo foraõ raios no Oriente,
Que tudo incendiaraõ tantas vezes,
Vos tambem os sereis cá no Occidente:

Da Sorte naõ temais impios revezes;
Podeis queimar da Franca toda a Gente
Vós de maõs dadas c'os Ficis Inglezes.

Soneto 14.º

Vossa Cauza por Deos he protegida:
Cansado de sofrer injurias tantas,
Lançando sobre vós as vistas santas,
Naõ quer ver a Virtude perseguida:

Justiça Divinal, que prevenida,
Dos Ceos baixando á terra, o Mundo espantas,
Adoro as tuas Leis por sacrosantas,
E adorarei emquanto eu tiver vida:

Confiando na Sacra Providencia,
(Com vosco fallo, ó bravos Lusitanos)
Ide punir a bárbara Insolencia:

Unidos sempre aos Inclitos Britanos
Com auxilio da Grande Omnipotencia
„ Extinguireis a Raça dos Tirannos.

Ode á

Nação Britanica.

BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA

Eu Grande Assumpto me desperta a Mente
Em profundo Lethargo adormecida!
Meu Estro observa canto
Me observa, me anima, e me convida
A que hoje solte á minha Lira o pranto,
E a que vá navegar novo Oceano.

Eis

Eis o Mar dos Britanicos Louvores,
Que deve hoje Tender na Terra ousado,
Sem temer os horrores
De hum temporal medonho, e anuvoado!
Naõ, naõ deve temer contrario Sorte
Quem segue de Brazaõ o Giro Norte.

Nação Amavel, Inclita Rainha
Do vasto Imperio dos soberbos Mares,
Estas Empreza caminha
A Vales, cujos Cantos singulares
Eternizar podessem a hum momento
O Teu Grande sem par Merecimento.

Mas

Mas eu naõ devo desistir da Empreza,
Nem temer as horrificas procellas:
Propicia a Natureza
Da minha Lira aos ventos sólta as velas:
Já navego sem bússola, sem prumo,
Mas sempre da Razaõ seguindo o rumo.

Oh! quanto, quanto he vasto o Mar, que fendo!
Naçoẽs, longe de vós melindre insano:
Avaro naõ pertendo,
Cruzando este vastissimo Oceano,
Roubar á vossa Gloria o Lusimento,
Mas sim louvar o Saõ Merecimento.

In-

Inglaterra Feliz, Feliz em tudo,
Exulta vezes mil, porque os teus Filhos
Com acérrimo estudo
Seguem da Gloria, e da Virtude os trilhos;
E pisando a cerviz ao Despotismo,
As Leis praticaõ do Inclito Heroismo.

Para memorisar suas Proezas,
Suas Regias Acçoẽs, Heroicidade,
Generosas Grandezas
Praticadas por sua Humanidade,
Naõ perciso ir roubar a antiga Historia
Os Feitos dignos d'immortal Memoria.

O

O Seculo presente me offerece
Mil Acções immortaes dignas d'espanto,
Pelas quaes se conhece
Serem teus Filhos dignos d'outro Canto:
P' Tuba, sim, ó Tuba he que pertence
Cantar huma Nação, que tudo vence.

Porem o Mar altivo quando acceita
O tributo dos Rios, que lhe he grato,
„Soberbo não rejeita
„Pobre Saudo d'incognito regato:„
Se eu não emboco em seu louvor a Tuba,
Farei que a voz em metro aos Astros suba.

Na-

Naçaõ, entre as Nações a mais Amavel,
Por teu Patriotismo, e Humanidade,
Tu hes Inconquistavel,
E hes Simbolo Immortal da Heroicidade:
Ah! diga-o Portugal, a quem franqueas
Os teus Thesoureos todos ás mãos cheas.

Que Naçaõ haverá cá sobre a Terra
Capaz de se entregar toda sem susto
Nas perigos da Guerra
Só para soccorrer a todo o custo
Hum Principe, que foi expatriado
Por escapar á sanha d'hum Malvado?

Que

Que Naçaõ haverá no vasto Mundo
Taõ Grande, taõ Heroica, taõ Sublime,
Que o Thesouro Fecundo
Esgote só a fim de ver o Crime
D'hum Apostata vil assás punido
Em desafronta a hum Principe Affligido?

Por certo que aos Britanos naõ se pode
Roubar taõ grande gloria, e primazia:
Esta Naçaõ acode,
E tanto a tempo á Lusa Monarquia,
Que faz com que tremolem suas Quinas
Triunfando entre miseras Ruinas.

Oh!

Oh! que Quadro infeliz, e miserando
D'improviso a meus olhos se offerece!
Eis o Monstro nefando
O impio Massena vil se ensoberbece,
E fugitivo ás Tropas Combinadas
Deixa as Povoações incendiadas!

Por toda a parte as chammas devorantes
Vão consumindo tudo: Amedrontados
Os Povos delirantes
Fogem buscando estranhos gazalhados,
Com lacrimosos olhos indo vendo
As suas Casas tristemente ardendo!

Vo-

Familias desgraçadas, que escaparaõ
Por milagre ao furor dos Inhumanos,
De todo desamparaõ
Suas habitaçoes, quando os Tirannos,
Praticando infernaes hostilidades,
Queimaõ Aldeas, Villas, e Cidades!

Mas das Desgraças miseras na enchente,
Que hia quasi assolando a Lusa Terra,
Quem foi que promptamente
Soccorreo Portugal? Foi Inglaterra,
Essa Amiga Fiel sempre Constante
D'hum Virtuoso Principe Reinante.

Em-

Emquanto os Filhos seus aos Portuguezes
Ornaõ as Frentes de viçosos louros,
Indo após dos Francezes,
Inglaterra fraquea os seus Thesouros
Em soccorro dos Povos desvalidos,
Que pranteaõ com dor seus bens perdidos.

O' Acçaõ Generosa, e de piedade
Quanto hes grande em ti mesma eu só contemplo:
Aprenda a Humanidade
A seguir d'Inglaterra o claro exemplo,
Que a qualquer das Nações manda que estude
A prática das Leis da San Virtude.

Na-

Nação Incomparavel, não me atrevo
A sulcar mais o Mar das tuas Louvores;
Agora encalhar devo
A Lira, porque os ventos rugidores
De tal arte me vão lufando o panno,
Que posso naufragar neste Oceano.

A sua immensidade me amedronta!...
Já se vão suas ondas encrespando!...
Procellosa Tormenta
Quasi que aos olhos meus se vai armando!
E antes que sobre mim horrida caia,
He justo que eu demande a amena praia.

Já

Ja dando a pôpa aos ventos, e á Procella
Do placido Silencio o rumo sigo:
Oh! quanto, quanto he bella
A sua praia, que me offerta abrigo!
Sem saber deste Mar a profundeza,
Foi assás temeraria a minha Empreza.

Mas quem foge ao Perigo cauteloso,
Naõ deixa de ser Nauta exprimentado;
Já na Lira animoso
Outros Mares tambem tenho sulcado;
Porem nunca sulquei hum taõ profundo,
Nem taõ vasto no circulo do Mundo.

Eis

Eis já na praia amena encalha a Lira,
Escapa ao Temporal! Colha se o pranto:
Meu Coraçaõ respira,
Já sem ter medo ás ondas do Oceano!
Por milagre salvei a chara Vida,
E a Lira, que julguei quasi perdida!

Silencio Amigo, a ti de novo entregue
Descanse o Vate ousado: naõ consintas
Que elle outra vez navegue
D'hum Mar taõ longo as ondas auriflamas,
Se naõ se for na Tuba altisonante,
Só digna de huma Empreza taõ Prestante.

Sonto

ao Ill.mo e Ex.mo Sr. Arthuro Wellesley, Lord Wellington, Visconde de Talavera, Barão do Douro, e Generalissimo dos Exercitos Aliados em Portugal.

Wellington Immortal, Britano Abarte,
Tu do Anglo-Luso Exercito na Frente
Tens feito pallidar constantemente
O Exercito brutal de Bonaparte:

Teu Genio Militar, Animo, e Arte
Tem sabido vencer a insana Gente:
Oh! quem podera em metro alti-cadente,
Ao hombro dos Heroes, eternizar-te!

Mas ah! que o Fado em vão na mente giza
O plano de tecer os teus Louvores,
Quando o teu mesmo Nome te eterniza!

Elle ja tem milhões de Adoradores,
Da tua Patria a Gloria divinizou,
E comprido é os Astros brilhadores.

BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA

Soneto

ao Illmo e Exmo Senhor Marechal Beresford Commandante em Chefe do Exercito de Portugal &c.

Excelso Beresford, Inclito Marte,
Que tantas vezes tens, e frente a frente
Mostrado o teu valor constantemente
Aos Falanges crueis de Bonaparte,

Do teu Engenho, Disciplina, e Arte
Oh! quanto deve a Lusitana Gente!
Emfim hade inda em verso altiçadente
Hum Genio Portuguez eternizar-te?

Emquanto pois o Vate o plano gizou
De cantar os Britanicos Louvores,
Já tuor mesma Gloria te eternizou:

Sou em mim hum dos teus Adoradores:
Quanto mais teu valor te divinizou
Mais te sobes aos Astros brilhadores.

BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA